



REVISTA DO CLUBE NAVAL

ISSN 0102-0382 • ANO 129 • N° 400 • OUT/NOV/DEZ • 2021



**“Bendita sejas, bandeira do Brasil!
Bendita sejas, pela tua beleza!
Bendita sejas, pela tua bondade!
Bendita sejas, pela tua glória!
Bendita sejas, pelo teu poder.**

Bendita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!”

*Oração à Bandeira proferida por Olavo Bilac em 19 de novembro de 1915, na
Fórtaleza de São José, sede do então Batalhão Naval.*



Clube Naval

28º Salão do Mar do Clube Naval

**Inscrição com
entrega de obra(s):**

07/03 a 18/03

**Exposição
ao público:**

28/04 a 27/05



Bicentenário
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
1822-2022

Em função das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil em 2022, o já tradicional Salão do Mar do Clube Naval contará com uma categoria especial para obras relacionadas a este tema.

INFORMAÇÕES

www.clubenaival.org.br
WhatsApp (21)99882-7758
Telefone (21)2112-2435

Nesta edição:

Palavras do Presidente

- 02** • Alte Esq (Ref^o) Luiz Fernando Palmer Fonseca

Editorial

- 03** • C Alte (Ref^o-FN) José Henrique Salvi Elkfury

Em Pauta

- 04** • Notas sobre acontecimentos na Sede Social.

200 Anos da Independência do Brasil

- 06** • 200 anos da Esquadra Brasileira • Centro de Comunicação Social da Marinha
07 • Marinha do Brasil nos 200 anos da Independência
08 • Amazônia: conquistada e preservada como brasileira, por ações na sua interface com a Amazônia Azul • C Alte (RM1) Guilherme Mattos de Abreu
11 • Sagres: do mito às Grandes Navegações • GM Lucas Bonadias Pereira (Marinha do Brasil), GM Raphael Rebouças Santana Silva (Marinha do Brasil) e GM Diogo Filipe Cardoso (Marinha Portuguesa)
16 • O Infante Dom Henrique e o pensamento estratégico naval português • GM Vítor Gomes de Freitas
20 • O Poder Naval na formação e defesa do território que constituiu o Brasil • Alte Esq (Ref^o-FN) Prof. Dr. Alvaro Augusto Dias Monteiro • CT (AFN) Paulo José Chaves Fonseca

Clube Naval

- 24** • 400^a edição da Revista do Clube Naval

Entrevista

- 26** • Almirante de Esquadra (Ref^o-FN) Prof. Dr. Alvaro Augusto Dias Monteiro

Concursos

- 30** • Concursos de Liderança e História do Brasil do Clube Naval - 2021
31 • A Marinha do Brasil em situações de crise: liderança servidora • Aspirante (FN) Gustavo Melo de Oliveira
36 • O Conde de Dundonald e o Brasil • GM Elias Luiz Pedron Moschen

Força Naval do Nordeste

- 41** • 79^a Aniversário da Força Naval do Nordeste • C Alte (RM1) Guilherme Mattos de Abreu

Cultura Naval

- 44** • O adeus à Corveta Jaceguai • CMG (Ref^o) José Alberto Cunha Couto
46 • De Guardas-Marinha a Velhos Marinheiros • C Alte (Ref^o) Antônio Alberto Marinho Nigro

Marinha Mercante

- 47** • *Ever Given* - A Docagem • CMG (Ref^o) Eden Gonzalez Ibrahim

Pelo Mundo

- 50** • Panamá, um destino repleto de atrações • CF (T) Rosa Nair Medeiros

História

- 56** • A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) • CMG (Ref^o) Aguinaldo Aldighieri Soares

Ciências Políticas

- 62** • Um ensaio crítico sobre ideologias revolucionárias • CF (EN) Ali Kamel Issmael Junior

Segurança Marítima

- 68** • Doutrina de segurança para navios nucleares no Brasil • CMG (RM1-EN) Leonam dos Santos Guimarães

Tecnologia

- 74** • Implantação do 5G no Brasil • Carlos Alberto Camardella

Círculo Literário

- 80** • O Círculo Literário do Departamento Cultural do Clube Naval: atividades atuais • CMG (Ref^o-FN) Wilson Soares Diniz

Últimas Páginas

- 83** • O chamado do mar • V Alte (Ref^o) Sergio Tasso Vásquez de Aquino





Prezados Sócios

Ao nos aproximarmos do fim do ano é natural olharmos para trás e fazermos um balanço da singradura que nos trouxe até aqui. Ao fazê-lo é inevitável voltarmos a falar da pandemia que de modo inegável foi o fato que mais condicionou a nossa relação com o quadro social. Medidas restritivas tiveram que ser tomadas, algumas por força de lei, o que, sem dúvida, trouxe inconvenientes para o dia a dia em todos os departamentos do Clube. Como já citei em outra oportunidade, esperamos que o pior já tenha passado.

Não obstante as dificuldades, continuamos, com sucesso, na busca de objetivos previamente estabelecidos como: modernização e integração dos processos administrativos e financeiros do Clube, implementação de um cadastro único de sócios, aprimoramento do controle interno, adaptação às normas da lei geral de proteção de dados, valorização dos funcionários, aumento das ações de comunicação social, dentre outros.

Particularmente neste último trimestre de 2021, foi digna de nota a volta da presença de nossos Sócios Efetivos e seus convidados às atividades desenvolvidas na sede, assim como dos Sócios em geral nos departamentos esportivo e náutico. Tem sido muito gratificante ver o Clube como um todo novamente agitado por almoços de turmas, reuniões e eventos esportivos, sociais e culturais.

É com esse sentimento de esperança que desejo a todo quadro social, membros das diretorias e funcionários uma ótima passagem de ano e um 2022 repleto de realizações.

Luiz Fernando Palmer Fonseca

Almirante de Esquadra (Refº) • Presidente do Clube Naval

Clube Naval

Av. Rio Branco, 180 • 50 andar
Centro • Rio de Janeiro • RJ
Brasil • 20040-003

Presidente

Alte Esq (Refº) Luiz Fernando Palmer Fonseca

Diretor do Departamento Cultural

C Alte (Refº-FN) José Henrique Salvi Elkfury

Assessora do Departamento Cultural

CC (RM1-T) Ana Cláudia Corrêa de Araujo



CLUBE NAVAL REVISTA DO

Direção de Arte e Design Gráfico

Real Digital Publisher Ltda
(21) 98873-1502

Produção

José Carlos Medeiros
Fabiana Peixoto

revista@clubenaval.org.br

Tel.: (21) 2112-2425

As informações e opiniões emitidas em entrevistas, matérias assinadas e cartas publicadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores

Não exprimem, necessariamente, informações, opiniões ou pontos de vista oficiais da Marinha do Brasil, nem do Clube Naval, a menos que explicitamente declarado.

A transcrição ou reprodução de matérias aqui publicadas, em todo ou em parte, necessita autorização prévia da Revista do Clube Naval.

Os artigos enviados estão sujeitos a cortes e modificações em sua forma, obedecendo a critérios de nosso estilo editorial.

Também estão sujeitas às correções gramaticais, feitas pelo revisor da revista.

As fotos enviadas através de e-mail devem medir o mínimo de 15cm, em jpg ou psd, com 300dpi.



Nos meses finais do ano, três efemérides se destacam: a Proclamação da República, em 15 de novembro; o Dia da Bandeira, em 19 de novembro; e o Dia do Marinheiro, em 13 de dezembro, homenagem ao Marquês de Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil.

Em 2021, esses meses representam também o primeiro trimestre do ducentésimo ano da Independência do Brasil, motivo de júbilo para os brasileiros, pois são duzentos anos de vitoriosa singradura, superando agressões externas, conflitos internos e questões econômicas e sociais – inclusive epidemias. Por isso, a partir desta 400ª edição da Revista do Clube Naval, essa singradura será contada por meio de artigos variados, mostrando, em especial, a contribuição da Marinha à construção desta nação livre, soberana, justa e democrática.

Os artigos mostrarão que a História Naval Brasileira antecede a Independência, pois foram navegadores portugueses, com ensinamentos obtidos na mítica Escola de Sagres, que deram início à nossa História, e foram forças navais os instrumentos decisivos para expulsar invasores e para expandir nossa fronteira Oeste, na Amazônia e no Pantanal. No processo de rompimento dos laços com Portugal, a recém-criada Armada Imperial foi fundamental para assegurar a Independência e para manter a integridade do

território. Também será mostrado que, ao longo desses duzentos anos, a Marinha do Brasil além da defesa da Pátria, muito contribuiu para o desenvolvimento do País e para ampliar a fronteira Leste, a Amazônia Azul, sendo, ainda, empregada como instrumento de política externa, ao participar de Operações de Paz conduzidas por organismos internacionais.

Assim, neste trimestre será mostrada a importância do poder naval para a defesa do território que constituiu a Nação. Os trimestres de 2022 terão como foco, respectivamente: a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro; a contribuição da Marinha para o desenvolvimento científico, tecnológico e inovação no Brasil; o processo de Independência; e a formação da Armada Imperial. Em 2023, serão abordadas as campanhas militares que consolidaram a Independência. Em cada edição, além das seções tradicionais e dos artigos de sócios sobre assuntos variados, será contada a evolução da Marinha e do País em diferentes segmentos.

Dessa forma, por meio da sua Revista, o Clube Naval prestará a merecida homenagem a homens e mulheres que escreveram esses duzentos anos da História do Brasil e estará secundando a Marinha no desenvolvimento da mentalidade marítima, ao mostrar a importância do mar e das águas interiores para a consecução dos objetivos nacionais.

José Henrique Salvi Elkfury

Contra-Almirante (Ref^o-FN) • Diretor Cultural



Um ensaio crítico sobre ideologias revolucionárias

CF (EN) Ali Kamel Issmael Junior

O mundo hoje vive uma realidade onde as certezas estão sendo relativizadas e as democracias liberais, baseadas em Estados Nacionais, vêm sendo questionadas por aspectos ideológicos globalizantes e revolucionários. Dito isto, as consequências que estes movimentos acarretam nas sociedades podem e devem ser estudadas na História e inferidas, mesmo por um leigo como o autor deste trabalho. O propósito deste artigo é contribuir para que o leitor possa entender e refletir sobre os possíveis rumos em um período tão turbulento com experiências semelhantes do passado.

Antecedentes – fim da Idade Média – início do mercantilismo e surgimento do capitalismo

Tudo começou com a crise do feudalismo na Europa (com a divisão da sociedade em nobreza, clero e plebe)

e o surgimento do capitalismo, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, no fim do século 14. Este movimento originou o surgimento de uma nova classe social chamada de burguesia, dedicada a atividades comerciais, que procurava obter lucro em seus negócios para gerar riqueza e status para si, cujos ganhos estavam relacionados à circulação de dinheiro, de forma a financiar o desenvolvimento do comércio, e que partilhavam, como ideais comuns, o lucro, o acúmulo de riquezas, o controle dos sistemas de produção e a expansão de negócios.

Este período de mudanças durou do século 15 ao 18, iniciando-se com as grandes navegações e expansões marítimas empreendidas pelos reinos europeus, por influência de uma burguesia mercante, que percebe e vende aos poderes dominantes da época que, para viabilizar seus ideais de expansão e grandeza, era necessário buscar riquezas fora da Europa. Esta burguesia e a nobreza

tradicional buscavam as commodities, ou seja, produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como ouro, prata, especiarias e outras matérias-primas que existiam em pequena quantidade ou não eram encontradas na Europa.

Financiados por reis e nobres, estes comerciantes, ao chegarem às Américas, iniciaram um ciclo de exploração, visando fornecer estes produtos na Europa, alimentando as indústrias nascentes que substituiriam a mão de obra artesanal pela produção em escala de bens com mão de obra assalariada, objetivando ampliar os nichos de mercado, gerando mais enriquecimento e acúmulo de capital.

Com o fortalecimento da burguesia, novos valores associados a ela surgiram e os paradigmas do feudalismo foram sendo questionados, com este processo se caracterizando por uma ruptura com as estruturas medievais tradicionais, com efeito nas artes, na filosofia e nas ciências. As melhores expressões disso foram o Renascimento e a Reforma Protestante que, guardadas as devidas proporções, podem ser considerados como movimentos revolucionários, tendo como exemplos de pensadores e artistas Leonardo Da Vinci, Nicolau Maquiavel, Galileu Galilei, René Descartes, Martinho Lutero, entre outros.

O surgimento dos movimentos revolucionários liberais e socialistas

No âmbito político, os reinos então começaram a depender destes burgueses para sustentar seu poder, de forma que isto acabou por gerar uma tentativa de controle da burguesia por parte do clero e da nobreza, tendo na Contrarreforma e no Absolutismo a expressão dessa reação. Isto iniciou o fim do casamento entre os burgueses e os poderes tradicionais oriundos do feudalismo. A burguesia acabou por derrubar o Antigo Regime com as revoluções liberais e concretizou o modo de produção capitalista a partir da Revolução Industrial no final do século 18 (Aquino et al, 1999).

Todo processo histórico engloba em si contradições que, se forem relegadas a segundo plano pelos seus condutores, podem levar à instabilidade das relações sociais e gerar as ditas “revoluções”. O capitalismo e o comunismo surgiram desse conceito. Essas contradições se traduzem em desigualdades sociais, reveladas na percepção coletiva da maioria da sociedade de privilégios injustos de uma determinada parcela dela (a dominante), em detrimento da exploração de outra (a dominada ou explorada), em que esta última não detém os meios de preponderar sobre a outra. No caso do capitalismo libe-



Martinho Lutero, pai da Reforma Protestante

ral, o seu desenvolvimento não se refletiu inicialmente sobre a classe menos favorecida e, aparentemente, menos influente nos rumos das sociedades: a plebe, o cidadão comum que depende somente de seu trabalho para sobreviver, nem nos escravos, que ainda foram utilizados até o século 19.

Com a expansão burguesa e os primórdios da Revolução Industrial, a plebe mudou de perfil. Passou a sair dos campos para as cidades e ocupar um papel motor da produção industrial, passando a ser chamada de classe proletária. Uma maioria que os pensadores iluministas, de origem burguesa, perceberam que poderia ser alçada a um grau de consciência de sua existência como classe (de forma mais explícita, somente no século 19, com Marx), mas que deveria ser controlada para se conseguir a vitória contra os nobres (principalmente) e o clero do Antigo Regime.

Com o esgotamento do feudalismo e a desídia no trato das condições de vida da plebe por parte da nobreza e do clero, além da crescente crise moral e de liderança, tem-se o estopim para as revoluções liberais na Europa, bem como nas colônias, a partir do final do século 18. O exemplo mais claro e importante deste fato foi a Revolução Francesa em 1789, em que a burguesia explorou as desigualdades e contradições existentes, criando a instabilidade necessária para a ruptura social (violência e guerra civil), que, segundo seus defensores, conduziria a uma mudança nas injustiças do regime vigente.

O que a burguesia revolucionária francesa não contava é que sua criatura acabaria por engolir seus criadores.



A Tomada da Bastilha, pintura de Jean-Pierre Houël (1789)

No caso francês, este período conturbado mostrou como esse espírito revolucionário só leva ao fratricídio e ao quase desmantelamento do país. Quando os outros regimes absolutistas europeus passaram a atacar a França Revolucionária, a burguesia daquele país entendeu que somente um regime forte e que unisse o país contra as ameaças externas seria capaz de manter a ordem, a paz, o poder e os lucros. Assim surge o período napoleônico.

Nos quinze anos em que permaneceu no poder, Napoleão governou de forma ditatorial e arrastou grande parte da Europa à guerra, controlando em 1810, quase toda a porção ocidental do continente, exceto o Reino Unido. Em 1790, o filósofo britânico Edmund Burke, em seu livro *Reflections on the Revolution in France*, previu acertadamente que a Revolução Francesa acabaria na perdição, terror, morte e ditadura. As evidências das nefastas consequências da Revolução Francesa podem ser vistas no Cemitério de Picpus em Paris, onde se encontram as valas comuns onde integrantes de todos os espectros políticos da época, e muitos inocentes, hoje repousam. Esta revolução liberal vitimou, pela guilhotina, cerca de dezoito mil pessoas (BBC BRASIL, 2021).

Com a difusão das ideias liberais iluministas e a situação do proletariado em todos os países que passavam

pela Revolução Industrial, começou-se a questionar as condições subumanas dos trabalhadores, com jornadas de trabalho de dezesseis a dezoito horas, baixos salários, ausência de seguridade na velhice, nas doenças, na invalidez, no desemprego e a situação de miséria (AQUINO et al, 1999).

O capital e o trabalho iniciavam o seu processo de oposição mútua, incentivada por pensadores como Karl Marx e Friedrich Engels, de origem burguesa, diga-se de passagem, que instigavam os proletários à busca por uma sociedade “mais justa”, o que levou ao surgimento dos movimentos socialistas/comunistas, como também dos abolicionistas.

Marx e Engels: o comunismo como “solução” às contradições do capitalismo

Service (2015) explica que Marx e Engels reconheciam três fontes de seu pensamento: no campo político, Maximilien Robespierre (1758-1794), advogado e político francês, participante da Revolução Francesa (como já vimos, de cunho iluminista), que implementou na França um regime de terror pela guilhotina, acabando por

ser guilhotinado; no campo econômico, David Ricardo (1772-1823), economista e político britânico, teórico do capitalismo britânico (o que não deixa de ser irônico) que, em sua obra *capital*, “*Principles of Political Economy and Taxation*” (1817), expôs suas principais ideias econômicas, que favoreceriam a burguesia industrial contra a classe ruralista; e no campo filosófico, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que considerava os acontecimentos históricos uma sequência progressiva em direção a “melhores condições existenciais para as pessoas e as coisas”.

Mesmo assim, Service (2015), explica sobre Marx e Engels que:

“Fundamental para o marxismo era o sonho do Apocalipse seguido pelo advento do Paraíso. Era o mesmo tipo de pensamento do judaísmo, cristianismo e islamismo. Marx havia sido criado no seio de uma família judia que se convertera ao cristianismo; a família de Engels era protestante. Marx e Engels, como ateístas na fase posterior de suas vidas, negavam o conceito de que os verdadeiros crentes seriam recompensados com a eternidade no Paraíso; contrário a isso, afirmavam que eles e seus sectários criariam uma sociedade perfeita aqui mesmo na Terra. A doutrina cristã prescrevia que os ímpios teriam um fim desgraçado na volta do Messias. Na mesma linha de pensamento, de acordo com os fundamentos do marxismo, os que obstruíssem o avanço do comunismo em busca da supremacia seriam esmagados. As classes dominantes da atualidade se arrependeriam amargamente do domínio que exerciam sobre a humanidade”

Ou seja, a partir de princípios religiosos, iluministas e liberais, Marx e Engels distorceram essas influências sem serem, efetivamente, religiosos, políticos e muito menos economistas. Infelizmente, como ídolos *pop-star* vazios, conseguiram, a partir de seus escritos confusos, encantar uma massa desprovida de senso crítico. Acabaram por atingir a popularidade necessária para serem alçados ao



Marx e Engels

posto de filósofos influentes dessas massas que, na sua maior parte, nem leram seus escritos, mas que são influenciadas por discípulos retóricos dessas ideias. O risco disso é o pragmatismo da ação, ou seja, que não se deve compreender o mundo de fato, mas sim transformá-lo irresponsavelmente ao seu bel prazer, sem a medida crítica das consequências, como Carvalho (2015) nos explica:

“Não se trata de compreender o mundo, mas de transformá-lo. [...] O desejo, o ímpeto, a ambição – da alma individual ou das massas revolucionárias – torna-se o fundamento único de uma cosmovisão onde a teoria já não serve senão para estimular retoricamente a ação prática ou para uma vez realizada a ação, legitimar como satisfatório o que quer que tenha dela resultado na prática. Mesmo que a ação produza efeitos totalmente diversos dos esperados, já não haverá distanciamento crítico suficiente para julgá-los, e eles serão não somente aceitos, mas celebrados pela teoria

como normais e desejáveis: a teoria não tem aí nenhum valor autônomo, está reduzida ao papel de uma racionalização a posteriori, de uma apologia do fato consumado.”

Carvalho (2015) então explica esse viés pelo comportamento de seus seguidores:

“A capacidade das esquerdas mundiais para justificar, em nome de uma utopia humanitária, as piores atrocidades do regime comunista

Retirada de Napoleão de Moscou, pintura de Adolph Northen, 1851



– e, exterminado o comunismo na URSS, para continuar a pregar com a maior inocência os ideais socialistas como se não houvesse relação intrínseca entre eles e o que aconteceu no inferno soviético –, é uma herança mórbida que, através de Marx, veio do epicurismo. Não é de se estranhar que a evolução de um século do pensamento marxista tenha desembocado em Antônio Gramsci, o teórico do “historicismo absoluto”, que assume declaradamente aquilo que Marx estava apenas insinuando: a abolição do conceito de verdade objetiva e a submissão de toda atividade cognitiva às metas e critérios da práxis revolucionária: a absorção da lógica na retórica, da ciência na propaganda ideológica.”

Após as diversas experiências práticas do comunismo no século 20 (como na Rússia em 1917), o resultado foi a pior faceta dos movimentos revolucionários:



As fábricas químicas da BASF em Ludwigs

prisão, tortura e assassinio. A evidência destes motes do comunismo foram apresentados por Curtois *et al* (1997), demonstrando que o Movimento Comunista Internacional acabou por exportar essa ideologia para outros países, ao custo da morte de milhões de vidas humanas como: vinte milhões na ex-União Soviética, 65 milhões na República Popular da China, um milhão no Vietnã, dois milhões na Coreia do Norte, dois milhões no Camboja, um milhão nos Estados Comunistas do Leste Europeu, 150 mil na América Latina, 1,7 milhões na África, 1,5 milhões no Afeganistão, e dez mil mortes “resultantes das ações do movimento internacional comunista e de partidos comunistas fora do poder”.

O que se observa é que o comunismo nada mais é do que um subproduto maléfico das falhas do capitalismo. Uma utopia que, em seu começo, tentou conquistar adeptos por meio dessa suposta defesa dos proletários. Mas, de fato, era e é apenas mais uma corrente criada por pensadores de origem burguesa para privilegiar uma minoria, também burguesa que, se não é a dominante, almeja este status sob a propaganda da igualdade, e na identidade de um partido único, o comunista, ou entre outros que supostamente fariam oposição, após a tomada do poder (Estratégia das Tesouras¹). O que impulsiona esse movimento é a vontade persistente em destruir os pilares vigentes de uma sociedade, motivadas pelo sentimento de que seus integrantes podem transformar o mundo com suas ideias, explorando as frustrações de uma parcela supostamente menos favorecida



Valas comuns no Cemitério de Picpus em Paris, usadas para o sepultamento das vítimas da guilhotina durante a Revolução Francesa.



¹ “Estratégia das Tesouras” na dialética de Hegel e Marx (para não se falar da astúcia de Lênin e das sutilezas de Gramsci) intenta jogar com as contradições não somente no plano teórico, mas no de ação prática para se atingir um objetivo que, no caso, seria a conquista e permanência no poder. Lênin sempre falou e praticou esta política da “Estratégia das Tesouras”, que consistia em ter dois partidos comunistas sempre dominando o cenário político, midiático, econômico e social do país. Um com viés autoritário/estatal, por exemplo, e o outro ou com viés mais ameno ou democrático/apaziguador. (AMIGOS DA DIREITA, 2017).



hafen, Alemanha (1881)

dessa mesma sociedade (como no caso anterior das revoluções liberais).

Conclusão

Este artigo apresentou, de forma não exaustiva, evidências do fracasso de ideologias revolucionárias como solução dos problemas sociais e econômicos, por meio da apresentação de aspectos históricos, culturais e psicológicos de suas implantações, por exemplo, na Revolução Francesa, de cunho liberal, e com o comunismo de Marx e Engels. O que se conclui é que o princípio e o fim destas aventuras político-sociais estão no homem, nas suas aspirações e frustrações, e que, por isso, as sociedades precisam se equilibrar para evitar os “encantos” fraticidas desse tipo de movimento. A manutenção dos Estados Democráticos de Direito, especialmente os de cultura ocidental, depende desta visão preventiva, visto que os movimentos revolucionários estão sempre à espreita, se infiltrando na sociedade, mudando seus rótulos e propaganda, mas mantendo seus meios de ação e objetivos de forma dissimulada.

Longe de ser um paradigma terminado no século 20, as ideologias revolucionárias se apresentam como uma constante ameaça à estabilidade e evolução das nações, especialmente as democráticas e liberais. O estudo e a análise deste fenômeno social e político não se esgotam com este trabalho. Pelo contrário, suas conclusões indicam que é fundamental o aprofundamento de estudos neste tema, devido às falhas oriundas nos próprios regimes liberais que, mesmo assim, na opinião deste autor, ainda são a melhor opção para evolução econômica e social das nações. ■



Guerra do Afeganistão de 1979

Referências bibliográficas

AMIGOS DA DIREITA. Conheça a estratégia da tesoura? Disponível em: <<https://amigosdadireita.blogspot.com.br/2015/06/conhece-estrategia-da-tesoura.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

APROVADO NO VESTIBULAR Resumo do Renascimento – O que foi? Obras e Autores. Disponível em: <<http://aprovadonovestibular.com/renascimento-resumo-o-que-foi-obras.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

AQUINO, Rubim Santos Leão de; ALVARENGA, Francisco Jacques Moreira de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 37ª ed. Editora Record, 1999.

BASF. O Nascimento da Indústria Química e a Era dos Corantes. Site BASF. Disponível em: <<https://www.basf.com/pt/company/about-us/history/1865-1901.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

BBC BRASIL. Site traz lista de guilhotinados na Revolução Francesa. BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080325_guilhotinalista_ac>. Consultado em 26.jun.2021.

BIO LOUNGE. Pensando bem... Site Bio Lounge. Disponível em: <<http://biolounge.blogspot.com.br/2016/10/pensando-bem.html>>. Consultado em 26.jan.2018.

CARVALHO, Olavo de. O Jardim das Aflições – De Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. 3ª ed. Campinas. São Paulo. Editora Vide Editorial, 2015.

CITAÇÕES DO SAMPAIO. Martinho Lutero. Disponível em: <<https://citacoesdosampaio.wordpress.com/2016/11/10/martinho-lutero-monge-teologo-e-professor/>>. Consultado em 26.jan.2018.

COLA DA WEB. Feudalismo. Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/historia/feudalismo>>. Consultado em 26.jan.2018.

COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas; PANNÉ, Jean-Louis; PACZKOWSKI, Andrzej; BARTOSEK, Karel; MARGOLIN, Jean-Louis. O Livro Negro do Comunismo: Crimes, Terror e Repressão. Bertrand Brasil, 1999.

LEPANTO. Há 520 anos as naus de Colombo aportaram na América... Disponível em: <<http://www.lepanto.com.br/historia/ha-520-anos-as-naus-de-colombo-aptaram-na-america/>>. Consultado em 26.jan.2018.

MUSEU DE IMAGENS. Napoleão Bonaparte. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/napoleao-bonaparte/>>. Consultado em 26.jan.2018a.

MUSEU DE IMAGENS. A Queda da Bastilha, por Jean-Pierre Houël, de 1789. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/queda-da-bastilha>>. Consultado em 26.jan.2018b.

SERVICE, Robert. Camaradas - Uma História do Comunismo Mundial. 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora DIFEL, 2015.

OPERA MUNDI. Hoje na História: 1848 - Marx e Engels publicam o Manifesto Comunista. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/2984/conteudo+opera.shtml>>. Consultado em 26.jan.2018.

WAHOO ART. A colheita, óleo sobre painel por Pieter Bruegel The Younger (1564-1636, Belgium). Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@/8LT57J-Pieter-Bruegel-The-Younger-A-colheita>>. Consultado em 26.jan.2018.